

# Posso ser Karl Marx, mas não sou marxista

## Sobre as perseguições prussianas e a Comuna de Paris de 1871

#Marx #Germany #Paris #London

Acidade de Berlim deve grande parte da sua existência aos Huguenotes, um grupo religioso de protestantes franceses que foram cruelmente perseguidos pelos católicos franceses no século XVI. Por volta de 1680, cerca de 50.000 deles emigraram para a Prússia e deixaram muitos vestígios arquitectónicos na região de Berlim-Brandenburgo até aos dias de hoje.

Segundo a história, cerca de 200 anos mais tarde, alguns dos descendentes destes Huguenotes franceses terão regressado brevemente às suas origens para participar na repressão brutal de uma das primeiras revoltas populares políticas bem sucedidas, a exatamente 878,08 km de distância - na capital francesa, Paris.

Em 1870, o Segundo Império Francês tinha-se desmoronado completamente e os movimentos socialistas, que tinham vindo a ganhar poder nos cerca de 40 anos anteriores, exigiam uma república muito mais democrática em França. A história diz-nos que, durante o chamado "Cercos de Paris", em 1870, as forças alemãs e prussianas ocuparam partes de França e cercaram a cidade de Paris, num conflito que se pretendia puramente militar. No entanto, há razões para acreditar que as forças conservadoras extremas pediram ao imperador alemão que o seu exército invadisse o seu próprio país, a fim de salvar os muitos laços monárquicos antigos que ainda existiam entre a França e o resto da Europa, no meio de todas as tomadas de poder socialistas. O que aconteceu em 1848, quando uma série de revoltas republicanas contra as monarquias europeias se espalhou da Sicília para a França e a Alemanha, tinha de ser evitado a todo o custo.

Prestes a entrar na capital francesa no início de 1871, o exército alemão começou a bombardear fortemente a cidade a partir de 5 de janeiro. Seria de esperar que Paris fosse tomada quando os alemães estivessem finalmente perto. Em vez disso, foi celebrado um estranho acordo de paz a 26 de janeiro de 1871, quando os chefes militares imperiais franceses em Bordéus, e não em Paris ou Berlim, entrevistaram e decidiram por si próprios que a guerra tinha de terminar agora. Os alemães concordaram subitamente em não ocupar Paris. O estadista e advogado francês Jules Favre chegou mesmo ao ponto de "persuadir" o Kaiser alemão Bismarck a não desarmar a Guarda Nacional. De forma notável, no final de janeiro de 1871, Bismarck declarou humildemente que as forças armadas francesas deviam permanecer totalmente armadas e intactas *"a fim de manter a ordem pública"*.

A razão deste estranho e repentino acordo de paz entre o exército invasor alemão, por um lado, e o exército invasor francês, por outro, foi revelada quase no mesmo momento em Paris - com consequências de grande alcance até aos dias de hoje. O Segundo Império Francês não era exatamente conhecido por amar o seu povo. A esperança de vida era baixa, as pessoas comuns eram mais uma vez

dominadas por uma elite arrogante, exatamente o que a Revolução Francesa tinha procurado mudar radicalmente cerca de 100 anos antes, em 1789. A invasão alemã e o isolamento de Paris durante o inverno extremamente frio de 1870/71 vieram agravar a situação. As pessoas estavam a morrer de fome e os ratos tornaram-se uma dieta regular para muitos parisienses comuns no início de 1871.

Pouco antes do tratado de paz com os "invasores" alemães, de 26 de janeiro de 1871, um primeiro grupo de cerca de 400 Guardiões Nacionais reuniu-se ao meio-dia de 22 de janeiro de 1871, em frente ao Hotel de Ville. Exigiam a colocação de todas as forças armadas sob controlo civil e a eleição imediata de uma "Comuna", em resposta à situação catastrófica que se vivia em Paris. No final da tarde, eclodiram tiroteios e vários destes primeiros comunistas foram mortos a tiro. Os militares fecharam duas editoras e prenderam mais de 80 revolucionários.

Semanas mais tarde, rebentou uma luta por causa de 400 canhões obsoletos que tinham sido financiados pela população parisiense para serem utilizados contra os alemães. Os revolucionários decidiram colocar esses canhões nos parques dos bairros populares. A ideia era poderem defender-se do governo nacional francês, agora que a guerra com os alemães estava oficialmente terminada. A 18 de março de 1871, um grupo de soldados comunistas conseguiu capturar alguns canhões em Montmartre. A crescente multidão de revolucionários marchou em direção ao Hotel de Ville, obrigando o exército regular e os dirigentes a evacuarem 40 000 soldados para Versalhes, onde se esconderam durante os meses seguintes.

Nessa altura, Bordéus era o centro do governo nacional francês, e já não Paris. Em Bordéus, a situação também era crítica para os "funcionários" do governo. Uma das maiores praças da Europa, a Place de la Quinconces, ainda hoje é testemunha desse facto. A praça central da cidade de Bordéus foi outrora o local do Cheateau de la Trompette. Por volta de 1820, foi decidido virar todas as armas da praça para dentro e não para fora, para evitar rebeliões. Enquanto Bordéus era o centro do governo nacional, Paris tornava-se agora uma contraforça com uma Guarda Nacional renovada, que assumiu o controlo da cidade após a fuga dos militares regulares. O seu comité central declarou, a 22 de março de 1871, que era ela, e não o presidente da câmara, o governo legítimo de Paris. As eleições não tardaram e, a 26 de março de 1871, a recém-eleita "Comuna" iniciou o seu trabalho com grande entusiasmo.

Os comunistas emitiram imediatamente um dos seus primeiros decretos, declarando a separação da Igreja e do Estado. Vários padres foram presos, igrejas foram fechadas ou convertidas e o arcebispo local foi mais tarde executado em retaliação por actos semelhantes de Versalhes. O trabalho infantil foi completamente abolido, tal como o trabalho noturno nas padarias. Os comunardos recusaram-se a distinguir entre crianças nascidas dentro ou fora do casamento. Foi discutido o direito de todas as crianças a uma educação adequada, bem como a cuidados médicos para todos. Foram legisladas pensões para os guardas nacionais solteiros e para os filhos dos mortos em combate, bem como a confiscação de empresas abandonadas pelos seus proprietários. A lista de leis promulgadas em benefício do cidadão comum foi aumentando, de tal forma que o exército fugitivo e os seus dirigentes em Versalhes não tardaram a pedir ajuda. Não necessariamente do seu próprio povo, mas do exterior: o imperador alemão. Os prussianos não hesitaram e ordenaram aos seus exércitos que se preparassem de novo para a batalha.

Sob a direção de MacMahon, um irlandês nativo, o exército francês reforçado regressou a Paris na primavera de 1871.

No final de maio de 1871, a batalha final entre os comunistas e o exército francês, conhecida como Semana Sangrenta, causou dezenas de milhares de mortos. Em desvantagem numérica de um para cinco, os comunistas queimaram vários palácios e monumentos parisienses em retaliação. Em outubro de 1871, a Comuna de Paris tinha sido esmagada, os seus membros e apoiantes executados, presos ou enviados para colónias remotas como a Nova Caledónia.

Poucos anos antes e depois dos acontecimentos da Comuna de Paris, dois dos filhos mais famosos da Alemanha, Karl Marx e Friedrich Engels, tinham publicado partes do seu ainda mais famoso livro, Das Kapital, em três parcelas: a primeira pelo próprio Marx em 1865, a segunda por Friedrich Engels dois anos após a morte de Marx, em 1883, e a terceira em 1894. O próprio Marx apoiou a Comuna de Paris, em parte coordenando o apoio através da sua "Associação Internacional dos Trabalhadores" (AIT) e identificando-se com ela.

Como a condição prévia para a realização do seu tratado era a subjugação de Paris, pediram a Bismarck que adiasse o pagamento da primeira prestação para depois da ocupação de Paris. Bismarck aceitou esta condição. A Prússia, que precisa urgentemente deste dinheiro, dará, portanto, ao governo de Versalhes todas as facilidades possíveis para apressar a ocupação de Paris. Portanto, cuidado!

Karl Marx, numa carta aos comunistas de Paris [from May 13, 1871](#)

Com o Estado prussiano a garantir que Karl Marx era perseguido onde quer que fosse depois de os seus artigos críticos à monarquia terem sido publicados em Berlim no início da sua carreira, o apoio pessoal direto aos comunistas de Paris era provavelmente demasiado arriscado para Marx. Deixou a Alemanha em 1843, emigrando primeiro para Paris, depois para Bruxelas e, por fim, para Londres, onde ele e a sua família viveram numa pobreza tal nos bairros de lata do Soho que Marx perdeu um dos seus filhos, que morreu muito jovem. Foi só mais tarde que Friedrich Engels começou a apoiar Karl Marx regularmente, proporcionando-lhe um rendimento estável a partir de então.

Pouco depois de 1871, Karl Marx escreveu um livro sobre a Comuna de Paris, intitulado "[A Guerra Civil em França](#)". Mais tarde, Lenine estudou este livro em grande pormenor, provavelmente sem saber que Marx se tinha distanciado das várias interpretações políticas do seu livro de 1865, Das Kapital, declarando uma vez: "O meu nome pode ser Karl Marx, mas não sou marxista". Provavelmente, Lenine também não sabia que Karl Marx [ganhava algum dinheiro como](#) comerciante de dia.

É como os Huguenotes em Berlim, que terão dito aos Prussianos: "Podemos ser de Paris, mas não somos franceses".

<https://www.sun24.news/pt/posso-ser-karl-marx-mas-nao-sou-marxista-sobre-as-perseguiçoes-prussianas-e-a-comuna-de-paris-de-1871.html>